

Entrevista com o professor PhD. John S. Bak

John S. Bak é um pesquisador e autor estadunidense, com estudos focados na Teoria da Comunicação, Literatura e Teatro norte-americanos, Jornalismo Literário mundial e autobiografismo. Com títulos pelas universidades de Illinois, Ball State e Sobornne, além de passagens como professor visitante em Harvard, Columbia, Texas e Oxford, ele é professor há mais de 20 anos na Universidade de Lorraine, em Nancy, na França. Além de ser um especialista sobre as obras do dramaturgo estadunidense Tennessee Williams, ele também é fundador da Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literários (IALJS) e atualmente desenvolve o projeto ReportAGE, sobre Jornalismo Literário (JL) e guerras. Bak esteve no Brasil por dois meses, durante o inverno de 2017, por meio de bolsa oferecida pelo Consulado Geral da França no país em parceria com Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). Em 27 de setembro do mesmo ano, retornou ao Brasil, desta vez para participar do 1º Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pela Universidade de Sorocaba (Uniso), quando ministrou palestra sobre Jornalismo Literário, Cultura Brasileira e Jornais de Trincheiras – momento em que concedeu esta entrevista.

Entrevista realizada pelos graduandos Ana Letícia Rocha, Bruna Emy Camargo, Eduardo Lira e Vinícius Figueiredo, com a colaboração da mestranda Leila Gapy e orientação da professora doutora Monica Martinez

Bruna Emy Camargo é estudante do curso de graduação em Jornalismo da Universidade de Sorocaba e bolsista de iniciação científica (Probic) com o projeto “Representações poéticas da morte nas narrativas midiáticas: a novela Velho Chico”, sob orientação da professora Míriam Cristina Carlos Silva.

Leila Gapy é jornalista pela Uniso, especialista em Jornalismo Literário pela FAVI/ABJL, e mestranda bolsista pela CAPES do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCC-Uniso), onde pesquisa Jornalismo Literário em Séries de Reportagens.

Monica Martinez é doutora em Ciências da Comunicação, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso), líder do Grupo de Pesquisas em Narrativas Midiáticas (Nami) e pesquisadora em narrativas midiáticas transnacionais.



Triade: O senhor esteve no Brasil por quase dois meses, entre julho e agosto (de 2017). O que achou dos brasileiros e do país?

John S. Bak: Eu aproveitei muito. Foi um prazer conhecer os estudantes daqui. Porque lecionar na França ou Europa é muito diferente. O relacionamento entre os estudantes e os professores é muito formal e é legal ter essa experiência de poder interagir, ter uma relação próxima com os alunos. Eu vou sentir falta disso quando eu voltar para a França, onde eu não tenho isso. Em termos de intercâmbio cultural, as pessoas foram muito acolhedoras e amigáveis comigo aqui, foi um prazer. Me lembra algumas das minha raízes estadunidenses. Porque você pode ir até os EUA e encontrar lá pessoas que vão conversar com você nas ruas, vão te acolher.

Triade: Quais as principais diferenças entre o Brasil e a Europa que mais chamaram sua atenção?

JSB: Provavelmente a maior diferença está no ato de dirigir (no comportamento no trânsito), no respeito pelas leis de trânsito. O americano em mim adora dirigir, tive que me ajustar aqui usando aplicativos como Google e Waze, e mesmo assim nem sempre foi fácil chegar ao destino. Uma das maiores diferenças culturais, eu acho, é ter de se acostumar a ajudar as pessoas a transitarem na cidade, seja em Bauru, seja no Rio de Janeiro, em Santos ou São Paulo. Levou algum tempo para me ajustar a isso. Mas em termos culturais, somos até que bem parecidos, pelo menos entre a França e Brasil, nos hábitos alimentares, relacionamentos com colegas.

Triade: O senhor veio para ministrar um curso de Jornalismo Literário na Unesp. Descobriu algo diferente sobre o Jornalismo Literário feito no Brasil?

JSB: Sim, eu definitivamente descobri. Eu ensinei classes da Unesp e foi muito diferente do que eu já ensinei na França, e eu não poderia saber disso até eu chegar aqui. Os estudantes são tão diferentes nas suas relações, como mencionei anteriormente, e por causa disso eu tive que achar um jeito mais interativo de ensiná-los. Na França é muito hierárquico. O professor é o conhecimento e os estudantes anotam, há apenas uma pequena discussão em aula e pronto. Aqui é interativo, e eu prefiro essa abordagem, Então tentei dar mais exercícios em sala, para que os estudantes se envolvessem uns com os outros, para que debatessem suas visões de Jornalismo Literário. E isso foi absolutamente prazeroso. Foi muito animador me forçar a repensar a pedagogia e o meu modo de ensinar, o que eu não tive que fazer em 20 anos (lá na França).

Triade: Em seu livro *Literary Journalism Across the Globe* (Universidade de Massachusetts, 2011), o senhor afirma que passamos do ponto de discussão sobre o termo JL e que o JL já tem repertório para uma disciplina. De forma concreta, como o senhor proporia uma disciplina atualmente em Jornalismo Literário? Lembrando que, para isso, não precisaríamos listar as semelhanças de seu desenvolvimento em todo o mundo?

JSB: Seria difícil criar a disciplina de Jornalismo Literário, isso tem que se desenvolver por si só. Não acho que podemos criá-la. Nós tentamos na América (do Norte) começar a desenvolver diplomas que eram específicos para o Jornalismo Literário, mas ainda são raros. O

que eu quero dizer com isso é que quando você se inscreve na universidade, você se inscreve em uma graduação em JL, assim como uma graduação em Comunicação ou Jornalismo, no qual o JL pode ser um subtópico. Mas para que isso aconteça, nós precisamos estabelecer não só uma teoria clara por trás do JL, mas um *corpus* de trabalho de JL, assim como todas as noções de éticas em termos de estudo e prática que o compõem, o que são dois assuntos diferentes. Eu não sou um praticante, eu estou mais para um estudioso do assunto, então minha aproximação com o tema é muito diferente. Tome a Literatura, como exemplo. Eu estudei Literatura quando estava na faculdade, mas o estudo da Literatura e não a escrita da Literatura, e essas são disciplinas muito diferentes. Se eu quisesse me tornar um escritor, eu iria a uma academia de Belas Artes ou à disciplina que lida mais com trabalhos criativos. Penso que para o JL nós precisamos criar duas disciplinas diferentes e acho que já começamos a fazer isso. Como Mark Kramer, em Harvard, e Robert Boynton, na Universidade de Nova Iorque, que têm estado à frente disso promovendo a prática – mas, lembrando que, nós precisamos de mais estudiosos/pesquisadores também. O problema é que para atingir esses objetivos é preciso entender que cada país tem seus próprios programas pedagógicos, suas tradições e crenças (que se impõem ao método e impede a receita única). Então eu não sei onde vai começar e como vai se espalhar, mas eventualmente sua geração vai usufruir disso.

Tríade: Então, se cada nação desenvolve um Jornalismo Literário singular, graças à sua história e cultura, como podemos dizer que o que estão desenvolvendo é o JL?

JSB: Quando estou em aula, nunca pergunto aos alunos se estão lendo “Literatura” quando estudamos as peças de Tennessee Williams. Assume-se que seja Literatura do princípio. Eu acho que nós precisamos chegar num certo ponto onde não precisaremos determinar se um texto é ou não JL, mas que isso venha como uma aceitação implícita entre as pessoas de todas as nações sobre o que define o Jornalismo Literário. Então, o que os brasileiros finalmente decidirem entre eles mesmos é o que o seu JL é, e para mim, um homem francês ou americano, é um dever aceitar, da mesma maneira que eu aceito o que sua Literatura é. Eu acredito que precisamos começar a construir do alicerce, eu não acho que os europeus podem impor regras sobre o que o JL é e forçar os brasileiros, estudiosos ou praticantes, a comprar essas regras. É pra vocês estabelecerem o que JL é pra vocês e depois expor a explicação a nós, de fora do Brasil.

Tríade: O que o senhor acha que ainda falta para criar uma concepção do que é Jornalismo Literário internacional? Isso não ajudaria os estudos futuros, de uma forma geral, a focar nas singularidades num segundo momento?

JSB: Eu acho que o maior obstáculo para aceitar uma forma internacional uniforme de JL é a falta de comunicação entre as nações. E o fato de estarmos aqui hoje, um americano com nacionalidade francesa falando com estudantes brasileiros, já é um começo. É assim que precisa ser feito, mais trocas internacionais. Só então conseguiremos quebrar essas barreiras da comunicação acadêmica. Já temos barreiras suficientes entre nós e nossas nações - política,

culturas, raça -, mas se podemos, pelo menos, tentar quebrar as barreiras acadêmicas e encorajar essas trocas, já teremos ganho. Aprendi muito sobre o Jornalismo Literário brasileiro nos últimos dois meses, o que me fez querer aprender mais. Mas há um ano, antes da possibilidade de estudos em jornalismo franco-brasileiro, não pensava sobre o Jornalismo Literário brasileiro. E penso que é precisamente por meio desses intercâmbios culturais, trocas culturais físicas, que tais mudanças nas atitudes das pessoas podem começar a tomar forma. Você precisa ir para a França; eu preciso vir ao Brasil para experimentá-lo. Você não pode fazê-lo no Skype ou por um livro. E eu realmente incentivaria os governos a ajudar a financiar esses intercâmbios para mais estudantes e professores.

Tríade: O senhor diz que o jornalismo literário muitas vezes eleva nossa consciência política, muda nossa maneira de pensar, amplia nosso conhecimento e promove o pensamento crítico. Podemos dizer que o Jornalismo Literário tem uma função social e educacional? Se o senhor concorda com essas funções, o Jornalismo Literário não seria um inimigo do estado? Ou mesmo elitista, uma vez que o pensamento crítico não é desenvolvido na educação básica, pelo menos não aqui no Brasil?

JSB: É uma ótima questão. Não é por acaso que, durante as revoluções da Europa Oriental, as primeiras vítimas, mortas ou presas, eram artistas e dramaturgos. Quando lecionei na República Tcheca, o presidente Václav Havel foi preso porque era dramaturgo. Ele escapou da execução, mas foi preso porque todas as suas obras, de certa forma, criticavam o sistema soviético que controlava o país. Acho que toda arte é em alguma medida crítica ao sistema dominante. Desde a Antiguidade, isso sempre foi e sempre será uma verdade. Os artistas, e, por extensão, os acadêmicos que os estudam e os promovem, são uma ameaça para os estados totalitários. O que precisamos é educar as pessoas sobre essa verdade, porque os governos não mudarão sua atitude em relação às artes e suas críticas à política. Sempre haverá governos de direita que produzirão ditadores e isso é o que vemos ao redor do mundo ainda hoje, mesmo no século 21. E acho que o papel da arte em geral, eu vou chegar ao Jornalismo Literário em um segundo momento, é dar voz às pessoas para desafiar as ideologias políticas. Agora, um jornalista literário é potencialmente tão perigoso quanto um romancista, um dramaturgo ou um jornalista. O número de jornalistas mortos em todo o mundo por suas ideias é surpreendente e assustador. Se você for um jornalista literário, você vai se envolver em trabalhos sérios e histórias sobre esses tipos de questões - embora nem todos os jornalistas literários sejam politicamente motivados e haja os que lidem mais com questões sociais que políticas -, mas se você fizer isso, então sim, você está se colocando em perigo. Essa é a realidade, penso eu, de ser jornalista em qualquer lugar. E o Jornalismo Literário talvez seja mais suscetível ao perigo porque o profissional vai chegar mais no coração da história. Considere o caso da jornalista literária russa Anna Politkovskaya, que foi assassinada por suas críticas ao regime de Putin durante a Segunda Guerra na Chechênia. Os governos mudarão? Mudará sua perspectiva para os jornalistas e para quem expor a corrupção e expor os males da sociedade e do governo? Não, os governos não mudarão. Podemos persuadir as pessoas a apoiar o JL como uma voz para combater a corrupção

e o mal? Sim. Mas isso virá com o tempo e com um custo considerável, quando os jornalistas literários se recusarem a recuar e negar ou silenciar suas crenças e ideologias.

Tríade: O senhor também disse que o atual Jornalismo Literário está pronto para revolucionar nossa maneira de ler e apreciar a literatura. O senhor não estava se referindo à realidade? E por que ainda não revolucionou?

JSB: Vocês precisam entender que eu sou mais um estudioso da literatura do que eu sou um estudioso de jornalismo ou de atualidades, como os franceses dizem, ou das coisas que ocorrem em nosso mundo de hoje. Então, minha visão é, acima de tudo, literária quando leio literatura, quando leio Jornalismo Literário e quando ensino. Eu, obviamente, observo os aspectos literários do Jornalismo Literário, então, talvez, quando eu disse isso na minha introdução (do livro), foi o estudioso literário mais do que o estudioso de jornalismo. Mas é verdade. O JL pode influenciar ambos, e penso a longo e curto prazos. O jornalismo literário pode nos ajudar a aprender, por exemplo, a ler a literatura de forma diferente estabelecendo uma literatura de fato e verdade que certos países, como a Finlândia e a China, valorizam mais do que a ficção. É uma história verdadeira que é contada de maneira astuta. Em termos de como entendemos as realidades, sim, definitivamente, eu não disse isso, mas eu acredito nisso. E o Jornalismo Literário nos permite expor o submundo de uma história mais do que o jornalismo tradicional pode. O que certamente nos permitirá fazer isso é se A) tivermos um público disposto a ler histórias mais longas e essa é a maior questão agora, e B) aceitarmos que essas histórias mais longas realmente mudam suas atitudes em relação ao mundo ao redor deles. O jornalismo *longform* leva muito tempo para ser lido e temos que confiar em um público que está disposto a abandonar o jornal, desligar a televisão e se sentar com um artigo de dez, vinte ou trinta mil caracteres em um Kindle ou um Ipad. Isso não será fácil fazer. Eles já fazem isso com a literatura, mas eles fazem isso com a literatura porque é um prazer ou uma paixão. Para o Jornalismo Literário, que é tão educativo ou perspicaz quanto é habilidoso, esperamos que eles estejam dispostos a mergulhar em um texto longo, pois ampliará seu ponto de vista sobre um determinado tópico. Mas para isso, precisamos de leitores. Eu acho que esse é o nosso maior desafio para o futuro: convencer os leitores a aceitarem a forma longa e depois convencer os editores de que essas formas de literatura e jornalismo literário são necessárias.

Tríade: O senhor diz que, de alguma forma, o Jornalismo Literário se desenvolveu em muitos lugares que se comprometeram a informar o mundo, “com precisão e honestidade, sobre o mágico no mundano, o grandioso no pequeno, e o nós no neles”. O que o senhor quis dizer com o mágico no mundano?

JSB: O mágico no mundano é dar sentido a algo que descartamos, ignoramos, o rotineiro. E assim examinamos de perto para revelar sua importância extraordinária para a sociedade. Isso, parece-me, é o objetivo básico de todo jornalismo literário. A maioria das histórias de jornalistas literários, pelo menos aqueles que eu li em inglês, tendem a ser sobre pessoas comuns ou situações comuns e em torná-las extraordinárias. É muito fácil falar de algo

extraordinário. O objeto ou uma pessoa que é extraordinária, muitas vezes, fala e se apresenta por causa do seu extraordinário. Mas é nosso trabalho encontrar a magia nesses pequenos detalhes da vida, como a vida da pessoa que varre as ruas ou a vida do zelador que trabalha nos hospitais. Temos que admitir que suas vidas contêm tantos aspectos importantes quanto de nossa vida diária. Infelizmente, sua geração é mais influenciada pela imagem como significado do que a minha e pela velocidade pela qual ela nos alcança - seja por meio de seus telefones inteligentes e redes sociais, pelos vídeos do YouTube ou pelos Selfies. Mas um *selfie* não é o mundano para vocês; um *selfie* é uma maneira de você capturar e preservar momentos históricos no tempo, assim como faz o Jornalismo Literário. Como tal, a cultura do *selfie* está matando lentamente o JL porque, ao celebrar o mundano como extraordinário, mas em uma escala muito superior ao número de histórias literárias jornalísticas que estão sendo produzidas, o *selfie* está efetivamente extraíndo o extraordinário do mundano mais do que elevando o mundano ao nível do extraordinário. O extraordinário acabará por sobreviver no mundo do mundano, fazendo qualquer tentativa jornalística literária de celebrar o mundano tão comum como um *selfie* no Instagram.

Tríade: O senhor disse que fatos e verdades são os luxos das democracias ou, pelo menos, é o que fomos levados a acreditar. Então, o senhor disse que existem meias verdades. Essa não é a linha tênue entre os dois, este não é calcanhar de Aquiles do Jornalismo Literário?

JSB: Lembre-se de que eu escrevi esta introdução (do livro) antes que Donald Trump fosse eleito presidente dos Estados Unidos e antes que as “*Fake News*” se tornassem uma realidade. Nós sempre tivemos notícias falsas, é claro, mas nunca foi distribuído às pessoas por meio da mídia que não fosse considerada jornalística, como Facebook ou Buzzfeeds etc.. Nem que provenha de fontes como a Casa Branca (dos EUA) que nós, tradicionalmente, acreditamos como fonte segura, ou pelo menos como verdade parcial, mas geralmente não é uma mentira de cara limpa, e certamente não é uma mentira na escala que estamos vendo diariamente na Era Trump. Além disso, sempre houve uma sensação de que o leitor sabia o que era “falso” nas notícias, ou pelo menos politicamente tendencioso; eles podiam acreditar no que eles liam como verdade, e se aceitavam ou não, tinham a opção de recorrer a outras fontes tradicionais de notícias para esclarecimentos. Isso já não é mais o caso, nem mesmo em democracias como os Estados Unidos. Então, quando eu escrevi isso, a ideia era que mesmo em democracias temos fatos e verdades e elas não se destinam a ser mutuamente exclusivas. Se eu tivesse que reescrever isso hoje, provavelmente tiraria esse trecho da introdução. Fiquei triste com as eleições presidenciais dos EUA, não apenas por quem é Donald Trump, mas como ele foi eleito - e continua a encontrar apoio entre uma determinada base de votação americana. O que quero dizer é que mesmo que eu não concorde com a política de um candidato, mesmo que ele fosse um bom candidato e eleito, eu não aceitaria o fato dele ser eleito pelas maneiras não democráticas. Eu penso em sua geração, porque esta não é uma questão única (dos EUA). E vamos encontrar isso cada vez mais presente. Encontramos isso até certo ponto no Brexit (expressão que remete à

saída da Grã-Bretanha da União Europeia). Considere o fato de que o Google disse que o termo mais pesquisado após o voto de Brexit foi “O que é a União Europeia?” - o único ponto em torno do qual o voto total do Brexit girava. As democracias precisam ser educadas para entender as diferenças entre fatos, verdades e opiniões. E, infelizmente, penso que estamos nos tornando democracias preguiçosas, permitindo-nos ser influenciados por fontes externas (como os *trolls* da internet, como os russos que divulgaram notícias falsas antes das eleições dos EUA) que pensam como nós, verdadeiras ou honestas; não estamos interrogando o suficiente. Eu sempre disse aos meus alunos, independentemente da ficção, discurso ou discurso que ensino naquele momento, que é mais importante para você não é me ouvir e o que tenho a dizer sobre essa obra, mas sim o quanto você é capaz de interrogar a si mesmo, compreendê-lo por si mesmo e questioná-lo por si mesmo. Porque se você não faz isso, então você não está cumprindo o único princípio básico ou exigência da democracia, e é uma pena que as notícias “falsas” sejam mais uma realidade hoje do que notícias “fatídicas”. E, no entanto, o que é mais vergonhoso é que o próprio presidente da minha nação é a principal fonte de promoção desses padrões.

Tríade: Não seria a criatividade e essa cultura das meias verdades o que permitiria um Jornalismo Literário livre? Seria o JL a mais livre de todas as práticas jornalísticas?

JSB: Em um mundo ideal, com certeza. Mas não estamos num mundo ideal. Quando fui à Unesp e dei minha aula, apliquei aos meus alunos uma tarefa interessante. Eu os dividi em grupos e lhes dei uma lista de cerca de 30 traços legítimos do que define o Jornalismo Literário. Pedi-lhes que selecionassem cinco desses traços que julgassem mais importante do Jornalismo Literário, seja no Brasil ou em qualquer lugar. E um deles era, é claro, que “a história deveria ser 100% factual”. Para minha surpresa, nenhum dos alunos escolheu isso como um aspecto importante do jornalismo literário. O único item que todos escolheram (e tenha em mente que cada lista era essencialmente diferente) era que “um jornalista literário deveria abordar sua história sem preconceito”. Eu concordo, mas descobrir que esse item para eles era mais importante do que o que eu pensava que o traço mais importante do Jornalismo Literário abriu meus olhos consideravelmente. Será que eu entendi que, pelo menos para os meus estudantes brasileiros, metade das verdades eram aceitáveis no Jornalismo Literário? Isso certamente é possível, e pode ser o caso no Brasil que o JL tenha elementos criativos nele. Isso é bom para você que os brasileiros decidam e nos convençam, nós, os estrangeiros, de que o seu Jornalismo Literário ainda é factual e verídico, mesmo que esteja preenchido com alguns elementos criativos. Você está simplesmente tentando chegar a uma grande verdade; e se a noção do que constitui a verdade e a meia verdade entra nessa equação, que seja assim. Eu estudei muito o Tennessee Williams e, muitas vezes, ele recorreu a meias verdades para escrever obras não ficcionais e autobiográficas, mas ele era um defensor da “verdade poética”. A idéia de que a realidade é mais acessível através da meia verdade do que através da própria verdade e, se o que finalmente é alcançado é mais honesto do que a própria honestidade, mais universal em sua aplicabilidade às realidades das pessoas, então, onde é o dano ao exagerar? E

eu acho que é o que o jornalismo literário terá que explorar isso ao longo do próximo século.

Triade: Na palestra de hoje, o senhor falou sobre Jornalismo Literário e guerra. É uma história bastante impressionante. Seria esse conflito da guerra, a crise, o problema que causa o vínculo com o leitor? Seria a fragilidade que a guerra traz que causa esse vínculo com o leitor e por isso o sucesso dos jornais de trincheira?

JSB: Um vínculo pode proteger tanto quanto pode excluir. A muralha de Donald Trump é um exemplo disso. O problema com a empatia, tomando como exemplo o Jornalismo Literário de Guerra, é que o escritor precisa universalizar, fazer do objeto (ou abjeto) o sujeito, transformar o outro em si mesmo. No entanto, no caso de dois ou três escritores americanos que usaram o Jornalismo Literário para escrever sobre a guerra em suas histórias, eles tendem a se concentrar apenas na perspectiva americana, porque é o que muitos leitores americanos querem, especialmente as histórias sobre seus atos de heroísmo dos soldados. Então, sim, até certo ponto, escrever para uma audiência americana é uma tentativa de informá-los sobre a vida de seus soldados, e é isso que os jornais de trincheira estavam fazendo no início do século 20, assim como jornalistas literários embutidos como Sebastian Junger estão fazendo hoje. Mas o que acontece quando o livro chega ao mercado global? A literatura, especialmente os clássicos, não é necessariamente para louvar ou informar as pessoas sobre si mesmas, e é isso que agradecemos a leitura de literatura estrangeira - podemos nos ver como protagonistas da história, mesmo que não falemos a mesma língua ou oremos pelo mesmo Deus. Quando lemos jornalismo literário estrangeiro, no entanto, seja Mark Bowden ou Junger ou alguém que, essencialmente, escreva para o público americano sobre experiências americanas na Somália ou no Afeganistão, temos que tentar não nos concentrar apenas em uma categoria de leitores. Acho que esse é um dos desafios que encontrei no Jornalismo Literário de Guerra. Para simpatizar, como você diz, um leitor deve olhar além da própria escrita do escritor e tentar entender isso em seus próprios termos. E isso vai ser um desafio com o JL de Guerra é, pois temos que tentar escrever JL de todas as nações, e não apenas de ou para uma nação particular. Penso que o (livro) *Hiroshima*, de John Hersey, ou os *Rapazes de Zinco* (tradução portuguesa), de Svetlana Aleksievitch, fizeram isso.

Triade: O senhor sabe que a situação política e social atual no Brasil fez com que muitas agências de notícias em JL se abrissem, como Amazônia Real e Agência Pública. Embora muito populares entre os leitores brasileiros, elas não estão conseguindo monetizar o JL. O que o senhor tem pra falar sobre isso?

JSB: Bem, precisamos entender que o Jornalismo Literário também trata de ganhar dinheiro. Um escritor não vai comer grama e beber água por toda a vida. Quero dizer, você se torna um autor em primeiro lugar porque, sim, você pode ter uma paixão por revelar uma história, mas há necessidade de uma carreira, e nunca conheci nenhum jornalista literário que também não sabia que a história que ele estava escrevendo poderia ou não ser lucrativa. Um dos perigos que percebo hoje é que os jornalistas literários estão escolhendo histórias porque

poderiam ser *scripts* potenciais para Hollywood (para o cinema), e essa é uma questão ética. Eles estão escrevendo a história porque está perto de seu coração ou eles estão escrevendo a história porque eles podem assinar um contrato de seis dígitos com a Paramount Pictures? Dito isto, o fato de que todos podem eventualmente saltar no movimento do Jornalismo Literário, como dizemos, não é necessário nada ruim. Se, de fato, a Amazônia Real está usando a fama do Jornalismo Literário no Brasil agora para se promover ou promover certas histórias, acho que é uma coisa boa. Isso significa que o JL é poderoso. E o que precisamos fazer é educar as pessoas para que percebam e compreendam a diferença entre o Jornalismo Literário que é doloroso e penetrante em alguns pontos, e o Jornalismo Literário que está apenas tentando usar o rótulo para se vender e ganhar dinheiro. Mas, em última instância, acho que, como T. S. Eliot disse uma vez, os artistas ruins, você sabe, eles simplesmente copiam outra arte, enquanto os artistas realmente bons simplesmente as capturam e as reivindicam, tornando-as únicas e suas. O fato de alguém querer imitar você deve significar que você percorreu um longo caminho e que fez uma marca. Precisa ser controlado, é claro, mas acho que, enquanto pudermos continuar promovendo o que é Jornalismo Literário, apenas a maneira como os romances baratos foram produzidos - eles nunca destruíram a literatura e acho que os leitores cresceram reconhecendo que uma novela de romance não vai ser uma novela clássica estudada em uma classe de literatura, para que eles possam coexistir. Porque também não podemos ter dois tipos de jornalistas literários? Aqueles com histórias sensacionalistas acabarão por se tornar efêmeros e desaparecerão com o tempo, como a maioria das novelas românticas. E aceitar o fato de que o Jornalismo Literário puro, o Jornalismo Literário incondicional e o bom Jornalismo Literário durarão da mesma maneira que a boa literatura.

Tríade: Muito obrigado, professor. Agradecemos a disponibilidade. Fique à vontade para fazer suas colocações finais.

JSB: Foi um prazer absoluto, como eu disse, todo o caminho percorrido. O fato de estar aqui com estudantes brasileiros, em um estúdio de gravação de uma estação de rádio, em um campus de universidade brasileira, é fenomenal. Isso não aconteceria na Europa. Sua paixão trouxe de volta minha paixão como professor, algo que perdi nos últimos 20 anos. Eu era um professor apaixonado, mas me reduzi a um educador ou a um estudioso, que deve ensinar como pagar por sua pesquisa. Encontrar essa paixão de novo realmente foi benéfico para mim. Espero que, quando voltar para a França, este sentimento fique comigo, mesmo sabendo muito bem que não vou ter os mesmos estudantes lá, como fiz aqui. Mas foi uma ótima experiência e me ajudou a me tornar um professor melhor, então agradeço.